

# Futuro pode repetir o passado

» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO  
Consultor em estratégia

Faltam 198 dias para as eleições de outubro e as pesquisas mostram uma liderança consistente do ex-presidente Lula, com o presidente Bolsonaro em segundo lugar. Enquanto isso, as demais candidaturas não conseguem superar a barreira de um dígito, ainda que cerca de 25% de eleitores apontem não querer votar em nenhum dos dois atuais líderes.

Sem dúvida, é uma situação preocupante, uma vez que caminhamos para reproduzir o cenário de 2018. Naquela ocasião, o voto majoritário foi determinado pelo desejo de retirar quem estava no poder. E, agora, a maioria deseja a volta do governante anterior para substituir o atual. Ou seja, vivemos um momento que pode ser muito bem representado pelos versos do poeta Cazuzu, em sua obra prima *O tempo não para*: “Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades”.

É evidente que a hipótese de reeleição do atual presidente significa um risco muito grande, tendo em vista seu desprezo militante pelas instituições e ritos que são pilares da democracia liberal. Os ataques e ameaças são marcas constantes de seu mandato. Portanto, não pode haver dúvida quanto à necessidade de derrotá-lo nas urnas em outubro.

Movidos por essa preocupação, diversas lideranças democráticas de partidos de oposição e da sociedade civil resolveram aderir, sem qualquer contrapartida, à pré-candidatura de Lula, enxergando-a como a única saída possível. Trata-se de um movimento legítimo, mas precipitado e equivocados. Senão vejamos.

Desde que o Supremo Tribunal Federal (STF) e outras instâncias judiciais anularam as condenações, o ex-presidente vem fazendo declarações dando a entender que, em caso de vitória, seu novo mandato seria um revival dos mandatos anteriores, o que, convenhamos, tem forte apelo emocional. Mesmo o convite para o ex-governador e ex-tucano Geraldo Alckmin ser

seu vice não tem significado uma sinalização diferente, pois tem como foco apenas a aliança eleitoral em busca dos votos em SP.

De outro lado, numa tentativa de apagar a história conhecida por toda a população, cria um sofisma ao querer confundir, propositalmente, anulação de condenações por questões processuais com um atestado de inocência. Como assim? E os seis anos de governo Dilma? Nada a declarar. Como se ele e seu partido não tivessem qualquer responsabilidade pelo desastre econômico deixado como herança. E ainda tentam escondê-la, tratando-a de maneira desrespeitosa, como uma sujeira a ser varrida para debaixo do tapete.

Para completar, soma-se à conhecida conivência com regimes autoritários ditos de esquerda o comportamento absurdo de não condenar a Rússia pela invasão criminosa da Ucrânia, escudando-se em um sentimento antiamericano, típico dos anos 1960, tempos de Guerra Fria. O exemplo mais recente é o um artigo assinado por José Dirceu, do qual transcrevo a seguinte pérola: “Os EUA não são mais uma república democrática, para usar o conceito liberal, mas sim um império e uma plutocracia, com apoio do dólar, das Forças Armadas, único país com bases e força militar estratégica em todo o mundo”. Só ingênuos poderiam acreditar que Dirceu não fala em nome do PT.

Porém, nada disso impediu a continuidade de seu movimento em busca de adesões

acríticas, com base na narrativa “confie em mim porque sei como fazer”. Ao lado disso, predominou a ideia de que seria imprescindível garantir sua vitória, liquidando a fatura no primeiro turno, como única maneira de impedir qualquer eventual tentativa golpista de Bolsonaro e seus apoiadores, tendo como paradigma a invasão do Capitólio promovida por Trump, em 6 de janeiro do ano passado.

Tudo parecia caminhar bem nessa estratégia, graças, principalmente, à combinação da alta rejeição do presidente com a citada incapacidade da chamada terceira via de empolgar o eleitorado. Entretanto, as primeiras pesquisas de 2022 trouxeram um fato novo: o início de recuperação dos percentuais de apoio a Bolsonaro e da consequente queda em sua rejeição, indicando que não haverá possibilidade de se encerrar a disputa no primeiro turno.

Caso essa tendência se mantenha, poderemos nos deparar com uma situação até aqui considerada improvável: o sentimento anti-PT, ainda muito presente na sociedade, superar o antibolsonarismo, levando à reeleição do presidente no segundo turno contra Lula.

Assim, cabe às forças democráticas continuar sua luta para construção de uma candidatura de oposição alternativa, capaz de empolgar o eleitorado de modo a se tornar viável eleitoralmente. Do contrário, corremos sério risco de ver o futuro repetir o passado.



## General Inverno contra a Rússia

» SÍLVIO RIBAS

Jornalista, escritor, consultor em relações institucionais e assessor parlamentar no Senado Federal

Ao longo da história, a Rússia contou com o frio intenso sobre o seu vasto território como fator determinante a seu favor nas batalhas e nas invasões que enfrentou. O famoso General Inverno foi o responsável pelos fracassos retumbantes de Napoleão Bonaparte e de Adolf Hitler nas respectivas investidas para conquistar Moscou. Sob baixas temperaturas, os russos, agora no papel de invasores, enfrentam outros ventos congelantes vindos do Ocidente e de natureza financeira. A forte reação ao ataque à vizinha Ucrânia produziu sérios efeitos contra a Federação Russa, afetando seu abastecimento doméstico, os seus fluxos de capitais e a cotação da sua moeda, o rublo.

O “cancelamento” político e econômico movido pelos governos e pelas empresas da União Europeia, do Reino Unido e dos Estados Unidos está custando muito caro ao cotidiano do povo russo e ao status quo do presidente Vladimir Putin. A atual invasão russa, com consequências imprevisíveis, provoca medo constante dentro e fora da região do conflito. O inverno econômico que avança impiedosamente sobre a Rússia tem aspectos conhecidos, mas também salienta o espírito do movimento internacional que emula valores reunidos na sigla em inglês ESG, de sustentabilidade ambiental, preocupação social e governança. Trata-se do primeiro teste no front bélico para a atual onda moral e ecológica dos negócios.

A crescente debandada de marcas de peso

que romperam rapidamente com o mercado russo inclui Shell, BP, Coca-Cola, Visa, Hugo Boss, Netflix, Amazon, Apple, Dell, Disney, GM, Ford, Google, HP, Intel, Mastercard, Sony, Toyota, Samsung, McDonald's, Starbucks, Unilever e L'Oréal. O resultado imediato desse abandono em massa é mais esfriamento da atividade econômica logo após as dificuldades com a covid-19. A nata do PIB global entende que governos e organismos multilaterais já não são mais suficientes para solucionar os maiores dramas do planeta, a nossa casa comum, tais como as catástrofes climáticas, a exclusão social e as pandemias. É o capitalismo de stockholders mostrando o seu poder na prática, movido a dinheiro de investidores conscientes, a manuais de condutas corporativas e a preocupação reinante com o patrimônio reputacional perante as sociedades.

Contra o congelamento de ativos do país e de seus cidadãos mundo afora e em reação aos bloqueios aéreos e da fuga de empreendimentos, o governo russo promete confiscar os bens deixados pelos estrangeiros. Mas nem mesmo as suas folgadas reservas cambiais podem ajudar, pois também são alvo de sanções. Restará então ao Kremlin fazer chantagem nuclear, com 6 mil ogivas apontadas para o Ocidente, ressuscitando a Guerra Fria? Até quando dará para os camaradas se virarem com ameaças de outras invasões, redobrada censura doméstica e cripto moedas? Enquanto se espera um acordo dos dois lados do conflito para cessar fogo,

a inflação dispara na terra dos cossacos, sobretudo nas prateleiras de alimentos básicos, levando milhões de consumidores a fazerem fila e a estocarem produtos. Será esse o começo da venezuelização da Rússia, com o avanço da pobreza e um recuo ainda maior da democracia? A resposta para essa pergunta poderá vir nos próximos dias, com a confirmação ou não da primeira inadimplência russa nos pagamentos externos, o que não significará, por hora, a falência do país, pois há aí um período de carência de 30 dias, até meados de abril.

A campanha invernal em território russo levou à derrocada dos seus invasores no passado. Desta vez, a história engendra novo General Inverno, que traz como primeira lição do maior conflito militar em solo europeu desde a Segunda Guerra Mundial o quão elevado é o custo de invadir um país hoje em dia. “Até aqui, Rússia e Estados Unidos invadiram Afeganistão e Iraque, sem que os demais países impusessem sanções. Graças à Ucrânia, estão descobrindo o preço de invasões”, anotou o professor Cristovam Buarque no *Correio Braziliense*. Segundo o ex-senador, em poucas semanas, Putin deixou de ser o reconstrutor da Rússia e passou à história como líder irresponsável. “Além de invadir uma nação soberana, desfaz a economia do próprio país, devido aos efeitos das sanções que não percebeu que viriam e ao isolamento consequente em um tempo de economia globalizada”, completou. Toneladas de neve virão.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Guerras não são lugares para os jovens

Guerras, quer queiram ou não, também podem ser enquadradas na categoria de processos didáticos. Pelo menos no que diz respeito às lições e aos exemplos de tudo o que não deve ser feito. Mesmo sabendo que as guerras se alimentam famintas do sangue humano, há nelas aquela parcela de humanidade que nos faz refletir sobre a possibilidade, sempre perdida, de buscarmos a luz do humanismo dentro de nós.

O que se expressa nesse teatro de horrores é nossa meta-de niilista, escondida em nossas sombras e que nos faz mover dentro da pulsão de morte, no embate permanente entre Eros e Tânatos. Eis-nos na guerra com a nossa meia face animal, todo feito de instintos, como uma cicatriz profunda e marcante que trazemos desde a pré história humana.

Espantoso notar que a maioria absoluta daqueles que se veem diretamente imersos nesse mar de sangue é, justamente, a que mais anseia manter distância desse pesadelo. Infelizmente, aqueles que escrevem, nas minúcias das estratégias militares, todo esse bailado de morte, permanecem bem distante desse palco, na paz e no aconchego aquecido de seus lares, em segurança com a família, vendo pelo noticiário o empilhar de corpos que aumenta do dia para a noite.

Difícil encontrar numa guerra fratricida quem verdadeiramente odeie, de morte, seu semelhante. Há um ódio, sim, contido e até inexplicável que todo soldado alimenta contra os políticos e generais que os empurraram, ainda na flor da idade, para dentro do barco de Caronte, numa viagem sem volta.

A oeste do planeta, nada de novo. A leste, também. Todos ensaiam a coreografia do que pode ser peça derradeira. Os estrategistas, os generais e os políticos, que, por seu protagonismo a catalisar a dores, observam do camarote o desenrolar dos acontecimentos, quando, por dever moral, deveriam ser os primeiros a marcharem nas frentes de batalhas. Esta e todas as guerras não têm ligação ou parceria qualquer com a juventude. São, por sua essência, uma questão íntima, pertencente somente àqueles que brindam a morte. É a covardia velha, transmutada em ciúmes, a empurrar os jovens para o fim da vida.

Obviamente, todo esse espetáculo, erguido com carne e ossos, conta, como em todo show business de monta, com o patrocínio bilionário das empresas de armamentos tanto do Ocidente quanto do Oriente. Os empresários da morte são os principais mecenas a dar suporte a arte da guerra. Eles também se alimentam do sangue dos mais jovens. Seus produtos, de última geração tecnológica, são concebidos, exclusivamente, para ser usados por soldados de tenra idade. São esses recrutas que azeitam suas engrenagens com sangue vivo.

Pudessem as taças de vinhos, com que esses magnatas, elite da guerra, brindam o sucesso de seus empreendimentos malignos, ser transmutadas de vinho para sangue, por certo, não notariam a diferença no paladar. Quantos soldados, em suas trincheiras, nas noites gélidas de inverno, entre a vigília e o sonho, não imaginaram a possibilidade de uma união entre jovens de todo o mundo para lutar, sim, contra essa horda de decrépitos assassinos? Quantos daqueles que, de arma em punho, não desejaram estar em casa, longe do conflito, beijando sua amada, seu filho, sua mãe? Quantos desses mesmos soldados, de um lado e de outro, não sonham com um acordo, breve e definitivo, de paz?

Estranho pensar que os que estão em luta querem, no íntimo da alma, trégua e paz. Sendo que aqueles que anunciam, com estardalhaço aos quatro ventos, que desejam a paz são, justamente, os que alimentam o desejo por mais mortes e escombros. Os degraus da glória, de um pequeno punhado de homens solitários e vazios, que mais tarde serão os únicos a serem citados nos livros de história, são montados sobre cadáveres, principalmente daqueles conhecidos como o soldado desconhecido, a quem prestam homenagens sem sentido, com coroas de flores sem perfume.

### » A frase que foi pronunciada

“Soldados! Não vos entreguem a esses brutais... que vos desprezam... que vos escravizam... que arregimentam as vossas vidas... que ditam os vossos atos, as vossas ideias e os vossos sentimentos! Que vos fazem marchar no mesmo passo, que vos submetem a uma alimentação regrada, que vos tratam como gado humano e que vos utilizam como bucha de canhão! Não sois máquina! Homens é que sois! E com o amor da humanidade em vossas almas! Não odieis! Só odeiam os que não se fazem amar... os que não se fazem amar e os inumanos!”

Parte do discurso final de *O grande ditador*, de Charlie Chaplin (1940)

### Leitor

» Renato Prestes reclama da falta de comunicação entre Administração de Águas Claras e a população. Segundo o leitor, há um único celular, porém, o mesmo raramente é atendido. É preciso mais divulgação sobre as formas de contato.

### AD

» Em 2 de abril, Lulu Santos se apresenta em Brasília, no Centro de Convenções Ulysses. O show celebra os 40 anos de muito sucesso do cantor e promete fazer o público dançar e cantar ao som de vários hits que fizeram e fazem parte das nossas vidas. Os ingressos estão à venda no site da Biheteria Digital. Garanta o seu, porque eles são limitados!

### » História de Brasília

Os motoristas do aeroporto estão recebendo propinas para levarem hóspedes para o Hotel Imperial. Há, na portaria no Hotel Nacional, a reclamação de diversos hóspedes fazendo essa denúncia. (Publicada em 20/2/1962)